

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS
DAS ARTES

Estar entre o ir e o vir: Ocupações Temporárias no Catumbi

Marrytsa Mendonça Vieira de Melo

Rio de Janeiro

2015

Marrytsa Mendonça Vieira de Melo

Estar entre o ir e o vir: Ocupações Temporárias no Catumbi

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense, Linha de Pesquisa Estudos dos Processos Artísticos para obtenção do Título de Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Vinhosa Simão

Rio de Janeiro

2015

Marrytsa Mendonça Vieira de Melo

Estar entre o ir e o vir: Ocupações Temporárias no Catumbi

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, como requisito parcial para a obtenção de Título de Mestre em Estudos Contemporâneos das Artes, da Universidade Federal Fluminense. Linha de Pesquisa: Estudos dos Processos Artísticos.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Vinhosa Simão

Orientador – UFF

Prof. Dr. Luiz Guilherme Vergara

Membro Interno – UFF

Prof. Dra. Livia Flores

Membro Externo – UFRJ

AGRADECIMENTOS

Ao bairro do Catumbi pela inspiração, transpiração e piração. A todos os moradores e descobridores do bairro por quem cruzei pelas ruas ao longo destes anos, a pluralidade dos encontros e conversas me cruzaram e somaram a pesquisa;

Ao prof. Luciano Vinhosa pela colaboração ao longo do processo de orientação;

Aos professores do PPGCA-UFF pelos 02 anos de trocas e descobertas;

Aos professores da banca Livia Flores e Luiz Guilherme Vergara por aceitarem o convite para compor esse momento especial;

À Geilsa pelo amor e apoio desde sempre;

À Filipe pelo afeto e companheirismo em todas as aventuras e desventuras da jornada;

Aos seres das cidades e florestas, minha eterna gratidão.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1 – Um percurso imersivo.....	03
Capítulo 2 – O Catumbi e o (meu, seu, nosso) entorno.....	13
Capítulo 3 – Sobre o corpo e o espaço.....	25
Capítulo 4 – Entre o ir e o vir.....	33
4.1 – Portfólio – Ocupações Temporárias (2011 – 2015)	36
4.1.1- Desmapas	43
4.1.2- Aqui (entre o ir e o vir)	49
4.1.3- Coletas.....	56
4.1.4- Cartografia do Tempo.....	69
Conclusão.....	78
Bibliografia.....	79

RESUMO

Este trabalho propõe questões relacionadas aos espaços públicos e suas possibilidades de ocupação através da experiência. Muitas verdades foram construídas acerca do espaço público, escondendo as consequências da crescente ocupação deste espaço pelo privado e as medidas remodeladoras e pacificadoras envolvidas. Como resultado deste processo vemos as cidades cada vez mais estéreis, onde há uma queda na experiência e na prática do espaço. Neste contexto, apresento o que denomino de Ocupações Temporárias, ações efêmeras situadas no bairro do Catumbi que trabalham com a afirmação da importância da experiência na reconfiguração do espaço não praticado. Contra o espaço urbano entendido como lugar de trânsito e circulação, sem identificação ou interação com os outros indivíduos ou com a própria cidade, as ocupações temporárias podem ser tanto ações reativas, que ocorrem espontaneamente pela cidade por iniciativas do usuário, como aquelas produzidas por mim com finalidades artísticas. Desta forma, entendo que a experiência artística pode agir como contra poder, importante forma de problematizar as ordens estabelecidas de cima para baixo e de romper com o fluxo cotidiano do espaço urbano, propondo assim investigar novas experiências sensíveis que questionem os usos institucionais e condicionados das cidades.

Palavras-chave: cidade; experiência; ocupações temporárias.

ABSTRACT

This work considers issues related to public spaces and their occupation possibilities through experience. Many truths were formed about the public space, hiding the consequences of the increasing occupation of this space by the private, also the remodeling and peacekeeping measures involved. As a result of this process we see the increasingly sterile cities where there is a fall in experience and practice of this space. In this context, I present what I call Temporary Occupations, ephemeral actions on the Catumbi neighborhood, which works with the affirmation of the importance of experience in the reconfiguration of space not practiced. Against the urban space understood as a place of transit and circulation without identification or interaction with other individuals or the city itself, temporary occupations can be both reactive actions, which occur spontaneously through the city by the initiatives of users, such as those produced by me with artistic purposes. Thus, I believe that artistic experience can act as a counter power, an important form to question the established order from the top down and to break with the daily flow of urban space, thus proposing investigate new sensory experiences that question the institutional and conditioned uses of the cities.

Keywords: city; experience; temporary occupations.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, *Estar entre o ir e o vir: Ocupações Temporárias no Catumbi*, fundamentada em alguns trabalhos de criação artística, é um caminho que percorri sem um itinerário prévio. Ela é o reflexo das minhas travessias, que a cada tropeço, desvio e retorno, foi ganhando corpo através do meu corpo pelas diversas camadas de experiências de estar. Estar de corpo presente é ser um corpo presente.

No processo de estar em um espaço de fluxo intenso, de trânsito ininterrupto e circulação maciça, também conhecido como Rio de Janeiro, reparei em diversas formas de “estar” nas ruas que denominei de *Ocupações Temporárias*. Podemos entender as Ocupações Temporárias como ações efêmeras empreendidas pela experiência de um corpo em um determinado espaço. No desdobramento do processo, busquei relacionar como tais ações podem ser facilitadoras na experiência de reconfigurar espaços pouco luminosos da cidade.

Trabalho com as Ocupações Temporárias desde 2010 em toda região central do Rio de Janeiro, mas a partir do final de 2011 até os dias atuais, minha pesquisa ficou mais concentrada no bairro do Catumbi, onde vivo, crio e me recio desde então.

Esta pesquisa foi dividida em quatro capítulos nos quais busquei relacionar o processo de criação com a teoria. No primeiro capítulo descrevo o que faço, como faço e, de algum modo, procuro esclarecer porque faço. Trabalho a minha relação com o bairro e como esta relação está diretamente ligada ao meu processo artístico. Meu trabalho é processual, foi e ainda é construído na caminhada, em etapas com tempo próprio, com meu corpo conectado diretamente ao espaço. Para mostrar meu percurso imersivo busquei as minhas primeiras vivências com o Catumbi.

No segundo capítulo apresento o Catumbi e o (seu, meu, nosso) entorno, falando sobre a história de resistência do bairro, a atual política de pacificação das comunidades que o cercam e do processo de revitalização que está acontecendo por conta dos mega eventos na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto esta pesquisa acontecia, a cidade fez parte da Copa do Mundo 2014 como uma das sedes, e ainda sediará os Jogos Olímpicos 2016.

Busquei ao longo deste capítulo mostrar como estes projetos refletem políticas que visam somente a espetacularização da região, sem benefícios reais para quem a habita. Trabalhei com algumas imagens do bairro feitas em períodos diversos e que mostram um pouco de seu dia a dia e de sua transformação.

No terceiro capítulo trago para a discussão os teóricos que abordam a relação do corpo e o espaço na atualidade. Em consequência do desenvolvimento das tecnologias de comunicação temos aparelhos, sistemas operacionais, programas e aplicativos que fazem uma intensa mediação na nossa vida, e conseqüentemente, na relação do nosso corpo com o tempo-espaço. Como reflexo temos o alargamento informacional geográfico, onde o espaço passou a ser radiografado por meio de dispositivos como imagens, hipertextos, geotags, entre outras possibilidades que influenciam diretamente nos comportamentos.

No quarto capítulo estão as ações práticas do *Estar entre o ir e o vir do Catumbi*, experiências que visam acionar uma relação direta entre o corpo e o espaço. Neste capítulo também apresento as *Ocupações Temporárias* e suas possibilidades.

Capítulo 1 – Um percurso imersivo

No meu caminho para casa tem uma praça. Uma praça no meio de três ruas. Uma praça cercada de grades. Uma praça que é casa. Uma praça que é ponto de trabalho. Uma praça que é lugar da pausa para descanso de quem trabalha perto dela. Uma praça pouco arborizada, com jardins laterais tão mal cuidados que parecem inexistentes. Uma praça com um odor característico. Uma praça ensolarada de manhã e completamente escura à noite. Não consigo passar por esta praça sem que meu olhar se perca nela. Ao mesmo tempo em que meu olhar sempre atraído olha cada centímetro da praça, meu corpo dá sinais contrários, com meus pés sempre trêmulos ao me aproximar do gradeado do portão de entrada. Não sei precisar, mas desde que vim morar aqui e durante muito tempo a minha história com a praça foi assim.



Visão de cima - Largo de Catumbi

Durante este muito tempo em que fiquei apenas na observação pude perceber que esta praça definitivamente é uma praça incomum. Uma praça sem nome, sem placa de identificação, inauguração ou reforma, sem uma estátua com o busto de alguém dito importante. Ninguém sabe ao certo seu nome, mas os mapas da região mostram que ali é o Largo de Catumbi.

Pela imagem recortada do bairro vista de cima, com sua trama planar de ruas, construções, túmulos e carros, o que fica visível da praça são apenas seus bancos vazios e seu espaço desocupado. Mas ao ver a praça diretamente através das suas grades podemos ver que ali tem dois brinquedos de ferro, mesmo que dificilmente alguma criança brinque neles, além de alguns descartes deixados para trás que sinalizam que apesar de longe dos olhos a vida corre por dentro das grades. As mesas típicas das praças que viram ponto de confraternizações curiosamente não existem nesta praça. Pelo espaço, o que se vê são muitos bancos com alguns vestígios dos corpos que por ali passaram. No chão também há muitos resquícios, garrafas, pedaços de pano, sapatos, jornal antigo, embalagens, peças quebradas, e mais uma lista de coisas que poderia ser infindável.

A praça tem três portões, mas apenas um fica aberto, os outros ficam fechados por correntes e cadeados. O seu caminho interno é feito por uma passagem de pedras que gira em torno do canteiro circular central. Quase todos os bancos ficam em volta dele, como numa roda de ciranda. É um canteiro de grama pouco verde, sem plantas e com apenas uma estaca de madeira que restou da tentativa de plantio de uma pequena muda de mangueira que acabou morta. Por todo seu espaço brotam os indícios da vida que por ali passa.

Ao aprofundar minha observação percebi que a praça tem uma maneira de ocupação por turnos. Durante a manhã as pessoas em situação de rua que dormem na praça acordam, mas também existem os moradores fixos da praça. Um casal, uma menina e um menino que recolhem seus pertences e os escondem em caixas, e há os outros que também ocupam o espaço, deixam seus pertences nos bancos laterais ou os carregam consigo.

Os vendedores de balas chegam com suas compras, feitas no entorno da Central do Brasil,¹ por volta das oito horas da manhã e ocupam alguns bancos enquanto colocam seus doces em inúmeros sacos coloridos que compõem seus mostruários e partem direto dali para o ponto de ônibus de onde podem ir para qualquer lugar da cidade. Na tarde os trabalhadores do cemitério e do mercado, que ficam logo à frente da praça, se dispõem nos bancos para uma rápida sesta comunitária. No final da tarde algumas pessoas em situação de rua voltam à praça, muitos deles carregando novos pertences, depois de um dia de andanças pela cidade e começam a ocupação noturna. Os bancos viram cama e o canteiro central vira lugar para a socialização entre alguns deles.



Momentos na praça (abril/maio de 2014)

¹ Grande parte dos vendedores ambulantes do Rio de Janeiro adquirem seus produtos em casas comerciais do gênero localizadas nas imediações da Central do Brasil.

O que nos é incomum muitas vezes se torna hostil. Nas minhas primeiras tentativas de experiência na praça me senti muitas vezes acuada. A experiência efetiva no espaço é uma relação direta entre “o fazer e o estar sujeito a algo” (DEWEY, 2010, p. 126). O fato de estar sujeito a algo inesperado era o que me impedia de experimentar de fato este espaço, afinal, o que pode me acontecer naquela praça?

Uma das principais forças que movem o medo é a fantasia, é imaginar o que poderia ser, o que poderia acontecer. O medo era o que me impedia de ter uma experiência efetiva com o espaço. Uma experiência não efetiva se torna pouco enriquecedora porque “todas as causas que interferem na percepção das relações entre o estar sujeito e o fazer limitam qualquer experiência efetiva” (DEWEY, 2010, p. 123).

No caminhar de todo dia perdi o medo do desconhecido, comecei a conhecer o espaço e a me reconhecer nele. Ao passar dos dias, ao entender melhor a praça, me senti livre de qualquer “pré-conceito” existente até então, e pude viver a experiência completa deste lugar singular em que a vida pode se (re)criar. Este relato do início da minha relação com a praça pode ser expandido como o relato do início da minha relação com o bairro de uma maneira geral. Ambos foram processos construídos na caminhada, em etapas com tempo próprio, uma relação direta entre atração e repulsão entre o corpo, o meu corpo, e o espaço.

Sempre tive uma proximidade com a região Central do Rio e morei em alguns bairros da região, mas morar no Catumbi não foi uma escolha consciente, na realidade, foi a busca por uma saída. A situação complexa da cidade em seus projetos pré-copa do mundo de 2014 e pré-olimpíadas de 2016 com suas pacificações, revitalizações, desocupações, demolições, reconstruções e desconstruções mudaram o contexto da região. A especulação imobiliária fez da área antes acessível (já que era considerada por muitos abandonada), agora uma região vendida a preços muito maiores. Enquanto eu caminhava pelas ruas pude acompanhar como testemunha ocular a transformação superficial de benefícios para poucos e malefícios para muitos. Neste processo

incessante de oneração no preço dos imóveis fui migrando como muitos, buscando um lugar mais acessível, e assim meu destino foi o Catumbi.



Visto de cima - Mapa/Satélite do bairro do Catumbi

Sempre passei pelo Catumbi, mas demorei muito para saber que o Catumbi era aqui. Como todo bairro de passagem, sua identidade fica perdida no meio das inúmeras tramas feitas de asfalto. Toda vez que passava pelo bairro eu observava este lugar tentando descobrir alguma coisa, mas na velocidade do deslocamento poucas coisas saltavam ao meu olhar. Destas poucas coisas que consegui observar nas rápidas passagens, o que mais me chamava atenção era o morro com várias casas pintadas em um tom de verde-claro, o cemitério grande de muro branco, uma igreja gótica e um certo ar de abandono e medo que pairava pelo ar.

Descobri que este lugar ao lado do Túnel Santa Bárbara era um bairro chamado Catumbi durante uma caminhada sem rumo procurando um lugar para morar. Saí da Lapa, atravessei um túnel pequeno, escuro e cheio de goteiras, passei pela Apoteose e cheguei na Rua de Catumbi. Olhei para cima e vi o topo da igreja gótica e seu letreiro escrito SALETE. A rua tinha um cheiro muito forte no seu início, já que a primeira

construção é algum tipo de depósito da COMLURB². Apesar do cheiro continuei a caminhada rumo à igreja. Normalmente uma igreja não me chama muita atenção, mas esta tinha algo que me instigava. Durante o caminhar o número de construções antigas e mal conservadas foi crescendo, muitos dos comércios tinham seus portões fechados e os que estavam abertos tinham muito do passado ainda presente, fosse na arquitetura, na decoração ou nos letreiros antigos.



Quando cheguei na frente da igreja gótica comecei a perceber um movimento maior na rua, resolvi continuar a caminhada. Quanto mais passos eu dava maior o movimento ficava. A rua parecia uma feira livre, com várias barracas de frutas, grãos, produtos eletrônicos, água de coco, sorvete, bijuterias, pastel e caldo de cana, artigos para casa e muitas outras coisas impossíveis de recordar. Comecei a me sentir, de uma maneira estranha, como se estivesse em um lugar que me era muito familiar, apesar de passar

² Companhia Municipal de Limpeza Urbana.

por lá de maneira sempre muito fugaz. Alcancei uma praça (aquela praça) e continuei a caminhar alguns metros a mais, andando na rua lateral ao cemitério parei na frente de um prédio onde um apartamento tinha uma placa de “aluga-se” e desde então posso chamar o Catumbi de lar.



Na minha primeira noite no apartamento fui recebida ao som de tiros, que ao olhar da janela passavam como rastros de luz em meio à escuridão da noite. Mais uma vez o medo permeia minha relação com o bairro. Depois de trinta minutos os tiros cessam, mas o medo permanece enquanto rolo na cama até o sono chegar. Ao acordar no dia seguinte, tomei como primeira iniciativa conversar com o zelador do prédio sobre o ocorrido. Andei pelos andares procurando-o, tentando manter a calma, já que este seria o nosso primeiro contato. Ao encontrá-lo perguntei seu nome, ele respondeu calmamente que se chamava Haroldo e já iniciou uma conversa amistosa sobre o prédio. Aproveitei a deixa e comentei sobre a noite anterior. Ele se surpreendeu com minha

reação, disse que os tiros daquela noite foram tranquilos, nada como fora há poucos anos quando a parede do prédio era “cravejada de balas”.

Geograficamente o Catumbi se encontra em um vale, é cercado pelas comunidades do São Carlos, Fallet e Fogueteiro, Coroa, Mineira e Prazeres. Como o prédio onde moro é a última construção alta desta área da rua, durante anos teve sua fachada atingida por balas que vinham de todas as direções por conta dos embates diários entre as facções rivais da região. Haroldo me contou que o terror tomava conta da rua, que muitos corpos eram encontrados pelas calçadas e roubos aconteciam com frequência. Minhas pernas involuntariamente tremeram naquele momento. Devo ter ficado visivelmente transtornada porque logo o tom da conversa mudou. Ele tentou amenizar a situação dizendo que depois da implementação das UPP's os tiros e crimes diminuiriam *muito* (com ênfase no muito) e de como aqui vale a pena “só pela vista do Cristo”. Depois da conversa voltei para o meu apartamento com mais medo do que quando saí. Final da tarde fiquei na janela contemplando a vista até anoitecer, o Cristo estava bem distante.



Os tiros podem ter diminuído consideravelmente, mas não acabaram. Passei longos dias refletindo sobre insegurança já que pensar em um lar é pensar em um lugar seguro, e mesmo que aqui seja longe de ser seguro, agora o meu lar era aqui. Continuo convivendo com muitos tiros a qualquer hora do dia e policiais fechando a rua onde moro, mas aqui é meu lar.

Todo lugar em que vivo torna-se naturalmente parte do que sou. Saio de mim, do meu cerco, vivo a rua como extensão da casa, vivo a casa como extensão da rua. Não existe uma fronteira entre o dentro e o fora, o aqui e o ali. Caminho pelos corredores do meu apartamento, passo através dos corredores do meu prédio e a fronteira de onde terminou o corredor e onde começou a calçada é facilmente transponível. De dentro estou junto com o de fora, sinto a rua, ouço seus sons, sinto seu odor, vejo o reflexo das suas luzes, vibro de acordo com seu movimento.

Meu trabalho é construído através de experiências, sendo assim impossível desconectá-lo do contexto da minha vida e do meu dia a dia. Foi a partir das minhas vivências que iniciei as ações que denomino *Ocupações temporárias*. São ações efêmeras que buscam a importância da experiência na reconfiguração de espaços pouco luminosos da cidade, reagindo contra a ordem instituída do espaço urbano, este entendido como lugar de trânsito e circulação que dificultam a identificação ou a interação entre os indivíduos e desses com a própria cidade. As *Ocupações temporárias* são diferentes práticas de usuários que ocorrem espontaneamente pela cidade, as quais são fotografadas por mim, e incluem também outras formas experimentais de estar no espaço urbano que eu mesma proponho. Ocupar a cidade é estar de corpo presente, uma ação política que afirma a importância da experiência na reconfiguração do espaço a partir de uma prática pessoal, agindo diretamente contra o espaço disciplinar e institucional. Nas *Ocupações Temporárias* a arte é experiência assim como a experiência é arte. Desta forma, buscase na experiência em si uma forma de ressignificação dos espaços da cidade e de acionar outras possibilidades para quem a habita ou nela transita.

Minhas ações na região central do Rio de Janeiro, especificamente as que estão contidas neste trabalho realizado no bairro do Catumbi, são diretamente ligadas as violentas cirurgias, impostas de cima para baixo, que a área sofre há anos. No caso, elas ressaltam a resistência de um bairro, acima de tudo, residencial diante de sua importância estratégica como zona natural de expansão empresarial no contexto central da cidade.

Capítulo 2 – O Catumbi e o (seu, meu, nosso) entorno.

O Catumbi é um bairro impregnado de significados, singularidades e símbolos que fazem parte da história da cidade. Foi berço e morada de diversos expoentes culturais. Foi o lugar do primeiro baile Black do Rio de Janeiro realizado no clube *Astória* e sede de um dos primeiros blocos de carnaval da cidade, o Bafo da Onça. O bairro também está marcado na literatura brasileira, como exemplo em *Girândola de Amores*, também conhecido por *Mistério da Tijuca*, de Aluísio de Azevedo, e em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

A casa da festança era em Catumbi, pouco adiante do lugar até onde mais tarde havia de chegar a linha de bondes. Um casarão antigo e abafadiço, com janelas de peito e dois degraus de cantaria à porta da rua. Para se chegar lá, subia-se uma pequena ladeira à esquerda, enquanto se deixava à direita um correr de casas, que lá se iam estendendo, até confinarem com o pardacento e melancólico muro do cemitério de S. Francisco de Paula. (AZEVEDO, 1882, p. 157)

Na obra de Machado de Assis o Catumbi é o bairro que fica situada a chácara onde o Brás Cubas morreu “às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869”. O Catumbi também é citado em alguns contos do Machado de Assis onde o bairro é referido como de classe média alta, onde existiam inúmeros sobrados elegantes ainda da época colonial, construídos quando o bairro era morada de importantes barões da cana-de-açúcar. Destes sobrados elegantes, atualmente sobraram apenas algumas fachadas pouco preservadas que podem ser vistas por olhos curiosos.

A transformação mais radical do bairro do Catumbi foi a construção do Túnel Santa Bárbara, inaugurado em 1963, e a posterior construção do elevado 31 de Março, que faz o seu corte até o bairro do Santo Cristo. Desta maneira o bairro foi cortado ao meio, grande parte de seus imóveis foram demolidos, ruas e quadras inteiras removidas para dar lugar ao fluxo de veículos circulando por artérias de alta velocidade.

Estas obras de infraestrutura privilegiaram a circulação do disfuncional sistema de transporte e paradoxalmente seccionaram o tecido original do bairro, e

consequentemente, a circulação de quem ali vive, dividindo-o em dois lados pela Linha Lilás.³ Este projeto transformou o bairro apagando grande parte da sua história, mas que ainda resiste nos resquícios, como o da chaminé solitária no meio do gramado que restou da antiga fábrica de açúcar, cerceou os corpos que por suas ruas circulavam livremente e que hoje, apesar da falta de fluidez para o seu movimento, infiltram suas vidas e tenacidades entre os diversos viadutos e passadiços apertados. Depois do bruto corte, restaram apenas imagens, lembranças, fragmentos e histórias destes outros tempos e lugares apagados pelas demolições. O bairro ficou composto por um número muito menor de ruas, dentre as quais algumas mutiladas como a Rua Valença e a Pedro Mascarenhas, que antes do viaduto ligavam o Catumbi à Santa Teresa, mas hoje têm apenas poucos metros de extensão, seu delongamento estancado bruscamente na subida ao viaduto.

“Pode-se depreender, desta escolha, portanto, que o bairro foi julgado como não servindo mais, como sendo obsoleto. Tudo que existia dentro dele, incluindo ruas, casas, equipamentos urbanísticos, pessoas e suas atividades deveria desaparecer para dar lugar a estruturas e modos de vida mais modernos, e, naturalmente, a novos moradores que tivessem o status adequado para consumi-las e praticá-los. Em suma, o Catumbi como modelo urbano era visto como superado, carregado de negatividades e indesejado” (VOGEL ; SANTOS, 1981, p. 08).

O livro *Quando a rua vira casa* de Arno Vogel e Nelson Pereira dos Santos mostra, através de um viés antropológico, este momento de destruição do bairro que durou até 1979. Apesar destes fatos, apresenta também um movimento inverso a todo esse

³ Linha Lilás é o nome técnico da via expressa que, atravessando o túnel Santa Barbara, liga a Zona Sul, em Laranjeiras, à região central e portuária da cidade. Seu nome oficial é Elevado 31 de Março. Foi prevista no Plano Doxiadis, também conhecido como Policromático, elaborado nos anos 1960 pelo urbanista grego Constantino Doxiades para o governo de Carlos Lacerda.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_Lil%C3%AAs_%28Rio_de_Janeiro%29 consulta dia 14/05/2015

processo, o de apropriação dos espaços de uso coletivo por seus moradores, entendendo o Catumbi como um microcosmo dentro da cidade. Os autores identificam que nas cidades existem dois principais espaços: o construído, mais rígido, e o de uso coletivo, mais flexível. No Catumbi a hibridização destes dois tipos de espaços foi consequência de um mecanismo natural de defesa e de superação dos moradores em relação as imposições vindas de cima. Entendem, assim, que outras ordens próprias, que ultrapassam àquelas simplistas e abstratas dos planejadores, emergem a partir de iniciativas dos usuários da cidade.

Na atualidade, o Catumbi continua a resistir e a sobreviver. Grande área do bairro é ocupada pelo Cemitério São Francisco de Paula, com seus grandes muros pintados de branco, o cemitério a céu aberto é um dos maiores pontos de referência do bairro. Aqui vida e morte seguem uma linha tênue. A vida segue pelo lado de fora do muro, enquanto a morte fica logo no outro lado. Um bairro que tem a triste coincidência de ter grande parte da sua história e de sua área enterradas. Inclusive o apelido carinhoso do bairro que muitos moradores usam, o Catumba, carrega a palavra tumba consigo. Se uma tumba é uma pedra, monumento ou edificação que marca um túmulo, *a tumba do Catumba* é o Túnel Santa Bárbara e o viaduto do Elevado 31 de março.

Localizado exatamente entre o centro, zona sul e zona norte, na rota de saída e entrada da cidade, o Catumbi se transformou no lugar onde o passar é a regra e o estar é exceção. Enquanto muitas vezes de segunda a sexta o “horário comercial” dita o fluxo, de sábado a domingo o bairro se torna mais visível.

Durante a semana o movimento no bairro é dado pelas oficinas mecânicas, pelas lanchonetes e restaurantes populares, nas ruas fileiras de táxis vindos de toda a cidade se formam e os motoristas param para almoçar. Apesar do preço convidativo das refeições, este não é o principal motivo da vinda dos taxistas até o bairro. Conversando com alguns deles descobri que a facilidade de estacionamento aqui, já que nas ruas do bairro não existem flanelinhas ou mesmo guardas de trânsito, permitem uma maior

comodidade na hora do almoço sem que precisem distanciar-se dos principais pontos da cidade.

No final da tarde as ruas se enchem de crianças com suas mães na saída das escolas e creches próximas. Nesta hora, as barraquinhas da Rua do Catumbi, principalmente as de sorvete, churros, frutas e pipoca, ficam cheias. Logo após a passagem das crianças as barraquinhas somem da rua, com exceção da de churros que permanece até o anoitecer com seu letreiro CHURROS DO CATUMBI iluminando a esquina entre as Rua de Catumbi com a Rua do Chichorro. As filas do transporte alternativo (*kombi*) para as comunidades também crescem neste horário, diminuindo o seu fluxo somente no final da noite.



À noite as lojas comerciais fecham e os *trailers* de comida abrem. Os bares ficam um pouco mais cheios e as ruas do bairro ficam muito mais vazias. As pessoas que frequentam a noite do Catumbi são em sua maioria sempre as mesmas. Os *trailers* ficam cheios de motos, alimentando os meninos que trabalham no *mototaxi* de hambúrgueres e

cachorros-quentes *completões*. Nos bares, ocupados na sua maioria por homens, jogos de cartas ditam o ritmo acompanhados por muitas garrafas de cerveja. A noite abre o caminho para a madrugada, os bares fecham, os *trailers* desocupam o espaço, e a madrugada caminha rumo ao amanhecer.

Nos finais de semana o bairro tem outro ritmo, o fluxo dos carros diminui, os mercados ficam mais cheios, os bares, que durante a semana tem seu público marcado pela presença masculina, nos finais de semana também são ocupados por mulheres e até por crianças que brincam nas calçadas logo em frente.



Quando se aproxima o Carnaval, os finais de semana do bairro seguem um fluxo maior, onde suas ruas viram estacionamento e área de concentração dos vendedores ambulantes. Todas noites de sábado e domingo até o desfile oficial o som e a luz dos potentes refletores dos ensaios da Marquês de Sapucaí invadem todo o bairro.

Nesta ambiguidade, entre o visível e invisível, toda a região central é o espaço do contraditório. É uma área espetacular e apagada, zona formal e informal, com fluxo e desvio, consenso e dissenso. Um espaço carregado de vida, mas que sofre atualmente um forte processo de pacificação e revitalização.⁴ Qualquer projeto de revitalização “insinua que os espaços a serem revitalizados estão mortos, sem vida, ou que o tipo de vida existente não é apropriado ou deve ser substituído”, dentro de uma mesma “lógica espetacular, baseada na criação de imagens e construção de consensos urbanos” (JACQUES; BRITTO, 2010, p. 106). Já a pacificação do espaço público busca esconder as tensões existentes, inerentes aquele espaço, andando junto com o projeto da revitalização na criação de consensos e reificando assim o viés espetacular destas políticas públicas que, por de trás do discurso da segurança, se limitam a gerar espaços higiênicos de circulação e passagem. Desta forma, o que é fortalecido é a desocupação do espaço para que uma nova imagem da cidade, sem a presença dos que costumavam ali habitar/ocupar, se apresentando desta maneira atraente aos novos investidores. O controle e a dita modernização tem um único interesse: atrair o capital privado e a indústria do turismo.

A vitalidade das grandes cidades mede-se pela importância dos fluxos que nela entram e saem. A cidade transforma-se para assegurar sua circulação e oferecer

⁴ Dentre os diversos projetos, a “revitalização” da Lapa, o entorno do Sambódromo e o Porto Maravilha são os principais projetos de “revitalização” propostos pelo governo estadual e municipal para região central do Rio, assim como a pacificação das comunidades do seu entorno através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs).

uma imagem acolhedora e prestigiosa, uma imagem essencialmente concebida (...) para atrair os capitais, os investidores e os turistas (AUGÉ, 2010, p. 40).

Neste cenário toda a área central do Rio de Janeiro encontra-se em obras para conceber esta nova imagem-cidade, primeiro para a Copa do Mundo de 2014, e agora, principalmente, para aproveitar as oportunidades de investimentos em torno dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. São tantas obras que fica difícil até distinguir o que é ruína e o que é obra, ou se são obras que levam à ruína.

Dentre as diversas empreitadas na região central, destaco como exemplo o decreto N° 33358 da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro que altera o Anexo IX do Decreto 10.040 de 11 de março de 1991⁵ com o objetivo de viabilizar a Operação Interligada na área do Sambódromo para a implementação de projetos e intervenções previstos para a área. Este projeto é pautado na necessidade do governo expandir as dependências do Sambódromo, na Avenida Marquês de Sapucaí. No documento constam considerações como a que “a realização destas obras constitui a oportunidade de criar um legado positivo para os bairros de Catumbi e Cidade Nova”, e que “os bairros da Cidade Nova e Catumbi necessitam de investimentos públicos que viabilizem a requalificação do espaço urbano, trazendo melhorias para o entorno dos demais imóveis de interesse histórico destes bairros.” O que uma obra na avenida que é fechada por grades, onde os moradores da região não podem circular livremente deixa como legado positivo para seu entorno? Uma avenida que só abre alguns dias por ano, loteada por camarotes e arquibancadas que somente podem ser acessados mediante a compra de um ingresso? Além de toda a problemática que envolve estas obras, o documento também afirma que a área em questão é desqualificada, já que ela necessita de investimentos para a sua “requalificação”.

⁵ http://www.cidadeolimpica.com.br/wp-content/uploads//2013/09/DECRETO_33_358.pdf. Decreto válido a partir da sua publicação em 13 de janeiro de 2011.

O marco destas mudanças gentrificadoras do entorno da Av. Marquês de Sapucaí é o EcoSapucaí – *Rio's Business Tower*, um empreendimento comercial enorme e espelhado, situado ao lado do Setor 2 do sambódromo e divulgado em seu site como “projeto padrão AAA”⁶. O projeto com conceito e design arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer conta com uma estrutura desproporcional à escala do bairro, um monobloco de predominância horizontal, com 17 andares de escritórios, 1000 vagas previstas com serviço de *valet*, 5 restaurantes, 11 lojas e um heliponto no seu topo. A área construída do imóvel é de 13.305m², ocupando aproximadamente 782.650m² de ocupação do terreno. O prédio é facilmente avistado de todos os pontos do entorno e sobretudo por quem passa na via expressa da Linha Lilás.

Fica claro o viés empresarial dos investimentos na região. O legado que fica é este: a espetacularização do espaço público, voltado para o capital financeiro e para o consumo turístico, em detrimento das necessidades dos moradores do bairro. Refletir sobre as mudanças atuais desta região é perceber que estes projetos urbanos buscam “transformar os espaços públicos em cenários, espaços desencarnados, fachadas sem corpo” (JEUDY; JACQUES, 2006, p. 108.).

O estreitamento e esvaziamento do espaço público geram possibilidades da colonização da esfera pública pela privada, uma “patologia do espaço público, que resulta numa patologia política: o esvaziamento e a decadência, a substituição do engajamento pelas técnicas da evasão.” (BAUMAN, 2001, p. 127.) Neste contexto, o que temos é a carência de qualquer prática ativa e o crescente entendimento de um lugar como sendo teoricamente de todo mundo, mas que ao mesmo tempo não é de ninguém. Para resistir temos que trabalhar com o corpo praticando e vivenciando diretamente este espaço.

Somente o cidadão e seu corpo podem inverter este contexto. Os corpos praticantes das cidades através da sua experiência nos espaços urbanos têm a possibilidade de mudar esta relação. A cidade deve ser experimentada em suas múltiplas formas, viver a cidade e sua subjetividade. Vivemos em cidades múltiplas, ou como Luciano Vinhosa

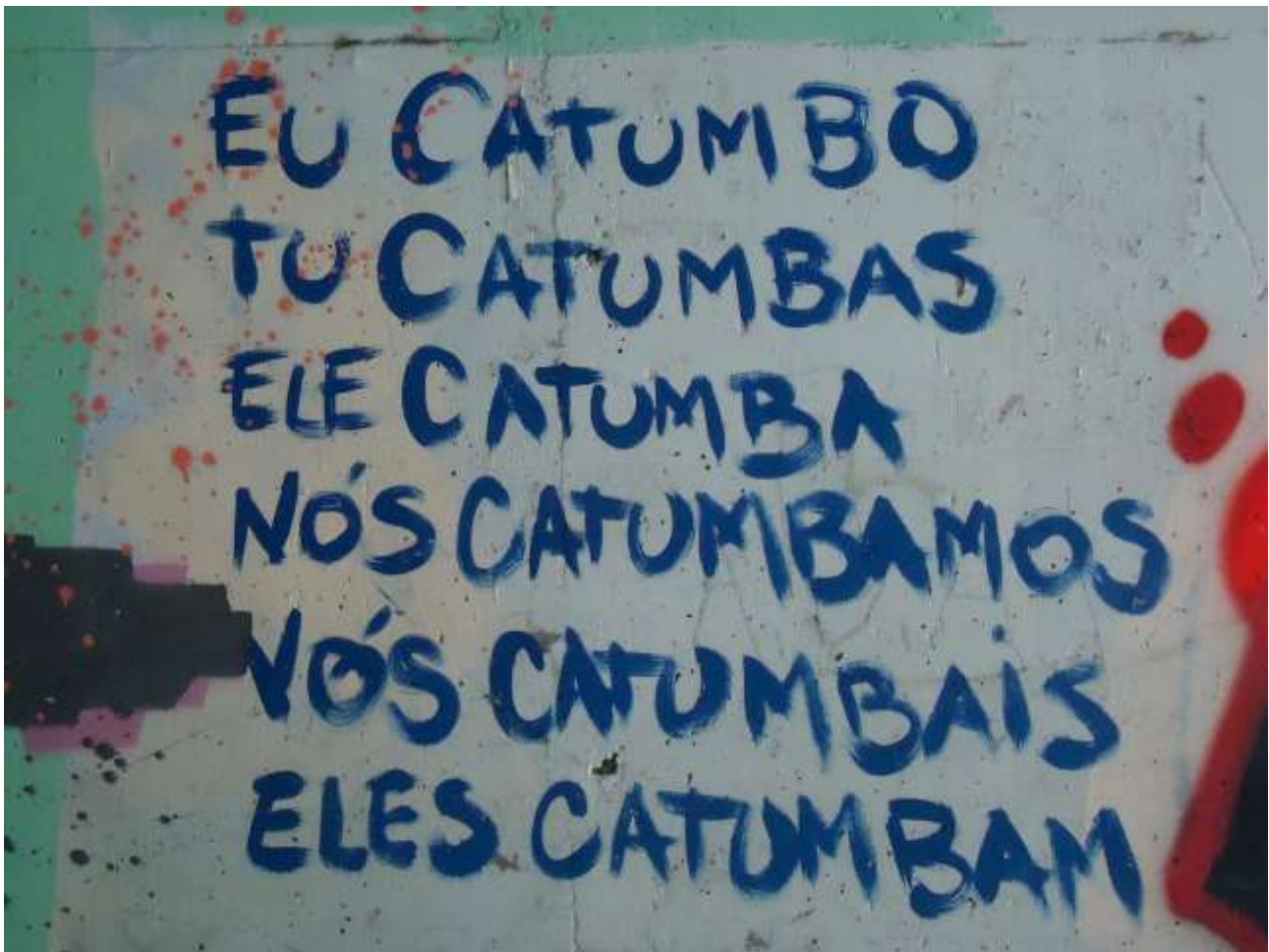
⁶ <http://ecosapucaai.com> – visualizado em 16/01/2015.

denomina, em cidades polimorfos: “cidades subjetivas contidas em uma mesma cidade objeto” (VINHOSA, 2012, p.45). Somente com nossos corpos podemos ter a experiência de afetar e ser afetado por este espaço e suas diversas formas.

Meu trabalho é realizado juntamente com a experiência de praticar o espaço do Catumbi ao traçar meu caminho, percorrer e me transformar através de suas ruas. Um trabalho que assume diferentes práticas e integra diretamente em seu processo a vida cotidiana.

As Ocupações temporárias são ações vividas e realizadas pelos corpos de quem pratica o espaço. Em muitas ocasiões quem as realiza não concebe as ações como separadas de do agir cotidiano. São ações que acontecem em um determinado período de tempo no espaço e logo se dissipam. O corpo deixa sua marca tanto quanto o espaço o marca, ainda que de modo efêmero. Uma das maiores potências do efêmero é a sutileza. Uma ação sutil pode carregar em si um misto de delicadeza e força que seriam talvez difíceis de ser mensuradas.

As Ocupações temporárias também podem ser construídas por outro indivíduo ou grupos de indivíduos. Ao andar pelo Catumbi realizando meus trabalhos observei que em muito lugares aparecia a frase *Eu amo o Catumbi*. A frase, com um símbolo de coração no lugar da palavra amo, está escrita em muros, em pequenos adesivos colados aos postes e até em algumas camisetas. Não demorou muito para descobrir que se tratava de um projeto do coletivo *Uma mão lava a outra*, composto por ex-moradores do bairro que também propõem a ocupação dos lugares pouco reluzentes do bairro. Atuando desde 2012, dentre as suas principais ações destaco aqui a ocupação da passagem subterrânea do bairro que fica logo a frente da praça do Largo de Catumbi. Em conversa com Carol Xavier, uma das integrantes do coletivo, relatou-me que o medo, assim como na minha primeira experiência com a praça, também foi a primeira reação dela ao passar por aquele espaço subterrâneo. Hoje o espaço utilizado por todos que precisam cruzar as autopistas que dividem os bairros do Catumbi e Santa Teresa. A passagem é ocupada por diversas pinturas feitas nos dias das ações do eu Amo o Catumbi e de outras ações posteriores feitas espontaneamente como reverberação da ação.



Intervenção EU AMO O CATUMBI, Coletivo uma mão lava a outra, na passagem subterrânea do Elevado 31 de Março.

Temos medo do que nos é desconhecido, mesmo que muitas vezes este medo não se configure como algo real. Vivemos sob o domínio do medo, rodeados por grandes muros, grades, câmeras de segurança, carros blindados entre outros propulsores desta sensação de insegurança. Apesar de tudo, o medo também pode ser instigador e ativador de práticas no e do espaço. A sensação de insegurança então é transformada em força motriz para ativar o pertencimento ao espaço. A partir do momento que nos sentimos parte do que antes era desconhecido, a insegurança cede espaço para a proximidade e apropriação.

O espaço urbano é pensado e projetado para um uso pré-definido, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que podem modificar e atualizar este espaço. Segundo Paola Berenstein Jacques são estas “apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano” (JEUDY: JACQUES, 2006, p.03). O espaço da cidade é um “lugar praticado cruzado por forças motrizes” (CERTEAU, 1994, p. 202), onde os passantes/ praticantes transformam o uso pré-determinado pela rigidez do desenho urbano.

Ao pensar a cidade planejada pelo urbanismo, nos deparamos com um espaço organizado, disciplinador, repleto de grandes avenidas, pequenas calçadas, *outdoors*, pontos cegos, a que todo tempo estamos sujeitados por objetivos previamente definidos. As suas imagens são provedoras de uma realidade forjada, higiênica, bela, que somente representam um simulacro do real. Neste cenário nos encontramos em um lugar em que não sabemos de fato se foi a cidade que se transformou em imagem ou se foi a imagem que se transformou em cidade.

Ao olhar a cidade de cima, com o corpo afastado da experiência rasteira, não vemos/vivemos a potência do lugar. Ficamos presos na superficialidade da imagem, na visão da totalidade, longe do espaço composto pelas diferentes singularidades percebidas apenas por aquele que o habita, caminha e o pratica.

Capítulo 3 – Sobre o corpo e o espaço

Nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado-a-lado e do disperso [...] a nossa experiência no mundo se assemelha mais a uma rede que vai ligando pontos e se intersecta com a sua própria meada do que propriamente a uma vivência que se vai enriquecendo com o tempo. (Foucault, De outros espaços)

Com o desenvolvimento das tecnologias da comunicação vemos cada vez mais os limites e obstáculos do espaço-tempo serem alargados. Somos cada vez mais envolvidos com as novas tecnologias, modificando a nossa forma de pensar e agir através da intensa mediação de todas as possibilidades tecnológicas dos dias atuais por meio da sua “penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana” (CASTELLS, 1999, p. 24.). Caminhamos para a codificação do corpo, onde estamos cercados por aparelhos, sistemas operacionais, programas, aplicativos, que em poucos cliques podem nos mediar em qualquer ocasião.

Vivemos no tempo que tem como características essenciais a aceleração e a circulação, onde observamos os fluxos ininterruptos, tanto de informações, quanto de bens e de homens. A velocidade atravessa tanto o espaço quanto os corpos que por ele passam. Nesta nova relação espaço-tempo temos a “perenidade do presente” (AUGÉ, 2010, p. 08), como se a aceleração do tempo nos impedisse de perceber o momento presente em meio ao movimento, quando estamos sempre olhando para frente sem perceber o agora. Na relação desta aceleração o espaço deixa de ser vivido e passa a ser apenas um emaranhado de fluxos virtuais ou reais. Esta aceleração promove certa “independência” do espaço físico para se empreender qualquer tipo de troca, acarretando uma mudança direta de escala da atividade humana e dos lugares onde ela acontece (AUGÉ, 2010, p. 37-38).

O mapeamento do espaço durante muito tempo foi uma forma de controle com o objetivo de planificar o espaço para torná-lo visível. Mapear é uma forma de síntese do espaço, algo resolvido e totalizante que oculta as trajetórias não lineares e fragmentárias feitas na prática do espaço. Suely Rolnik, em *Cartografia Sentimental*, aprofunda este entendimento, afirmando que “somente neste plano a individuação forma unidades e a multiplicidade, totalizações” (ROLNIK, 2011, p. 60).

Com o passar do tempo todos os espaços foram traçados e preenchidos, planejados e organizados, chegando ao ponto em que, nos dias atuais, a virtualidade do mapa se confunde com a realidade do espaço. O que vemos é um alargamento informacional geográfico, onde estas tecnologias criam sistemas que permitem uma “radiografia” do espaço por meio de imagens, hipertextos, *geotags*, entre outras possibilidades.

Desta forma, a experiência do espaço foi afetada com as novas condições dos meios digitais contemporâneos, passando a ser mediada por dispositivos como o *GPS (Global Positioning System)* e sistemas de mapeamento e deslocamento, como o *Google Maps*. Através deles, ao colocar o ponto de partida e o destino, eles nos dão, em poucos segundos, o melhor caminho a seguir. Mostram a direção, o tempo do percurso em diferentes meios de transporte e muito mais a cada atualização destas tecnologias. Utilizando, por exemplo, a opção *Street View* do *Google Maps*, temos a possibilidade de ver todo o caminho em 360° através de um avatar amarelo. Dependendo das ruas, permiti-se ver, através de câmeras on line, o que acontece em tempo real. Os traçados e seus percursos ficam armazenados nestas mídias de deslocamento de modo que o caminho que se faz é parte da vigilância do sistema operacional.

Paul Virilio, no ensaio *A imagem virtual, mental e instrumental*, apresenta este momento que ele define como automação da percepção, onde o desenvolvimento das imagens virtuais feitas por estes dispositivos mediadores influenciam diretamente sobre a vida e os comportamentos.

A meu ver, este é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento das novas tecnologias de geração de imagens digitais e dessa visão sintética que a ótica eletrônica possibilita: a fusão/confusão relativista do fatural (ou se preferirmos, do operacional) e do virtual, a proeminência do “efeito real” sobre um princípio de realidade. (VIRILIO, p. 128)

Podemos supor que, ao mesmo tempo em que o virtual gera o efeito de real e as intervenções indiscriminadas do poder público tendem a desvalorizar o fator humano local, a consequência seja a carência da prática do espaço. A imagem comum que os moradores e usuários constroem de seus bairros perde em profundidade e aderência afetiva quando substituída por uma imagem forjada pelos aparelhos e pelos objetos espetaculares da arquitetura e urbanismo. Em contra-partida, os lugares de afeto cotidiano se transformam em não-lugares desencarnados nestes sistemas onde tudo é visto de forma simultânea e automática. Podemos entender estes sistemas dentro do que Virilio denominou de “máquinas de visão”, que são destinadas a ver, prever em nosso lugar.

O paradoxo lógico, finalmente, está no fato de essa imagem em tempo real dominar a coisa representada, nesse tempo que se torna mais importante hoje que o espaço real. Essa virtualidade que domina a atualidade, perturbando a própria noção de “realidade”. (VIRILIO, p. 131)

O espaço virtual atravessa desta forma o espaço factual, trocando o estar e o sentir no espaço pelo navegar e ver no virtual. Durante ainda muito tempo vamos acompanhar a crescente virtualização do espaço, mas seus reflexos já afetam nossa sociedade de forma impactante. Guy Debord já previa este cenário produzido pela espetacularização da sociedade moderna que culmina neste “processo que ao mesmo tempo suprime a distância geográfica e amplia a distância interior, na forma de uma separação espetacular” (DEBORD, 1997, p. 131).

Segundo Certeau (1994), espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflitais ou de proximidades contratuais. Desta forma, para o autor, o espaço seria “um lugar praticado” (p. 202). Já para Augé (2004) o lugar é entendido

como entidade antropológica, diretamente ligada às possibilidades de percursos, discursos e linguagens que o caracteriza. Em contrapartida ao lugar antropológico, a contemporaneidade tem gerado uma outra entidade que o autor denomina de não-lugares, locais que são feitos para não se estabelecer nenhuma forma de ocupação direta, que apenas podem ser atravessados de forma física, onde a experiência é esvaziada. Os não-lugares também podem ser definidos por duas realidades complementares, mas distintas: espaços construídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação (no caso não-relação), que os indivíduos mantêm com esses espaços (p. 87). Na realidade do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e não-lugares misturam-se, interpenetram-se, “a possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja, lugares e não-lugares se opõem (ou se atraem)” (AUGÉ, 2004, p. 98).

Vivemos atravessados pela dicotomia entre espaço público e espaço privado, envolvidos em uma série de relações que delimitam a atuação das pessoas nos espaços da cidade. Muitas verdades relacionadas a este panorama foram construídas, escondendo as consequências da crescente ocupação do espaço público pelo privado e no fomento de políticas públicas remodeladoras e pacificadoras em que temos como resultantes espaços cada vez mais hierarquizantes, homogeneizantes e estéreis nas cidades.

Neste contexto, o que prevalece é a crescente carência de qualquer prática ativa que fomenta o entendimento de que um lugar que teoricamente é de todo mundo, mas ao mesmo tempo não é de ninguém. Em relação direta com este panorama, recorro à afirmação de Benjamin que Georges Didi-Huberman reinterpreta em *A Sobrevivência dos vaga-lumes* observando que, para a destruição da experiência, uma catástrofe não é de modo algum necessária, e que a pacífica existência cotidiana em uma grande cidade é, para esse fim perfeitamente suficiente (AGAMBEN apud. DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 75). Uma grande cidade pode ser entendida como um espaço em que sua organização é feita através de especulações e classificações, uma organização funcionalista que “privilegia o progresso (o tempo), e que faz esquecer sua própria condição de

possibilidade, o seu próprio espaço e toda e qualquer experiência” (CERTEAU, 1994, p. 174).

Contra o aniquilamento da prática e da experiência entram em cena os vaga-lumes, “seres luminescentes, dançantes, erráticos, intocáveis” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 23), com suas pequenas luzes que agem como resistência aos grandes “holofotes” midiáticos. “Em sua resistência haverá apenas sinais, singularidades, brilhos passageiros, ainda que fracamente luminosos, mas ainda assim resistências” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 43).

Não se pode, portanto, dizer que a experiência, seja qual for o momento da história, tenha sido “destruída”. Ao contrário, faz-se necessário [...] afirmar que a experiência é indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos à noite. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 148)

Do lado oposto à resistência, temos uma enorme gama de imagens deslocadas de qualquer sentido real. São imagens-simulacros que criam sentidos superficiais e são interpretadas como verdades pelos olhos desavisados.

As imagens [...] assumem, assim, no mundo contemporâneo, a função de uma “glória” presa à máquina [...] imagens luminosas contribuindo, por sua própria força, para fazer de nós povos subjugados, hipnotizados em seu fluxo. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.101)

Sobre a força destas imagens-simulacros, Sontag (2004) afirma que “a realidade sempre foi interpelada por meio das informações fornecidas pela imagem”, e o que realmente temos “é um vestígio, algo diretamente decalcado do real” (p. 170). Estas imagens se assemelham a algo real, mas ficam somente nesta semelhança, contribuindo com o processo decrescente da realidade contemporânea desencarnada.

Apesar desta aceleração através dos sistemas e redes virtuais, da mediação nos espaços e da criação de simulacros imagéticos, devemos realizar que o corpo ainda vive com os

pés no chão, na factualidade do seu espaço palpável. O corpo foi subjugado durante muito tempo e somente a experiência encarnada pode ser real, só o corpo presente presente e sente. A experiência é “resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (DEWEY, 2010, p. 122).

A ação do corpo no espaço é uma forma de micropolítica. Uma micropolítica processual, definida por Guattari (2013) como aquela que constrói novos modos de subjetivação, e só pode – e deve – ser encontrada a cada passo, a partir dos agenciamentos que a constituem (p. 38).

A prática do corpo no espaço de forma anônima é uma ação micropolítica de micro resistência que geram micro liberdades. O *micro* não é entendido aqui como um processo menor, assim como macro não é o seu oposto, maior. As micros (política, resistência e liberdade) devem ser entendidas como processos feitos por indivíduos e com indivíduos. Para Rolnik (2011) o “micro é determinado pelos agenciamentos que o corpo faz, e, portanto, inseparáveis de suas relações com o mundo, seus processos e devires” (p. 60). Desta forma, não podemos julgar micro ou macro por diferenças de tamanho. Uma ação de micro-resistência é potente por sua ação direta, uma forma de busca pela existência. Podemos ver nos movimentos de resistências cotidianas, instrumentos e *táticas* que agem com o silêncio e o barulho, com a intensidade e a sutileza contra as *estratégias* do poder (CERTEAU, 1994).

É através do micro que podemos desconstruir a noção hierarquizada de cidade. As cidades são normalmente elaboradas e reelaboradas de cima para baixo, construídas sob aspectos urbanísticos onde as noções de função estratégica, infraestrutura e beleza arquitetônica pautam as obras. Para mudar esta dinâmica somente a partir das micro-resistências, traçando outras possibilidades de baixo para cima, compreendendo a complexidade do habitar a cidade.

Complexidade vem do latim *complexus* que significa “o que está tecido junto”. Devemos entender a cidade a partir das subjetividades, com as relações que essas

estabelecem com tudo e com todos, a partir das suas inúmeras interações. A cidade complexa não pode ser reduzida ou homogeneizada. É impossível ter uma cidade homogênea, cada espaço tem sua particularidade. A cidade não é compactada, ela é expansível, repleta de saídas e retornos. Entre vielas, becos, ruas, avenidas, bairros e regiões a diferença brota e jorra. O que é pautado como necessidade de um espaço pode ser considerado puramente supérfluo em outro. Essas diferenciações distinguem os espaços, mas não os separam. *A divercidade na complecidade da dencidade*. A cidade aqui torna-se sufixo onipresente. Multiplicidade, cidade onde tudo circula por múltiplos fluxos, com e sem limites, repleta de silhuetas, espessa por tantos acúmulos e entrelaçamentos. Olhada de cima é uma mancha indistinta, olhada mais de perto essa mancha transforma-se em terreno fértil em que brotam as singularidades que se erguem rumo às nuvens.

Esta pesquisa busca a transversalidade definida por Guattari (2004) como “uma dimensão que pretende superar os dois impasses, quais sejam o de uma verticalidade pura e de uma simples horizontalidade; a transversalidade tende a se realizar quando ocorre uma comunicação máxima entre os diferentes níveis e, sobretudo, nos diferentes sentidos” (p.111).

Sobre o corpo e o espaço, mas não somente sobre o corpo e o espaço. O corpo que aqui resiste é o mesmo corpo que por outros momentos dança. O corpo que segue atentamente pela cidade é o mesmo que se perde. O corpo não é apenas um corpo, o corpo é plural, são corpos. Segundo Negri (2004) não existe nenhuma possibilidade de um corpo estar só, “quando consideramos corpos, não apenas percebemos que estamos cara a cara com a multidão de corpos, mas percebemos que cada corpo é uma multidão” (p. 20). *Corpos no espaço e espaço nos corpos, coposespaços*.

Para Santos (2008) o corpo é “uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de compreender” (p. 314). Contraponho aqui a certeza pela incerteza e a materialidade pela subjetividade das relações que compõem os corpos.

Richard Sennett escreveu o livro *Carne e Pedra* onde a história da cidade é contada sob a perspectiva das experiências corporais e como estas deram contorno aos traçados urbanos na construção das cidades ao longo da história. Carne e pedra, corpo humano e espaço urbano. Para o autor “as relações entre os corpos humanos e o espaço é que determinam suas relações mútuas, como se vêem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam” (SENNETT, 2008, p. 15).

Não há certeza sobre o que é o corpo. Não existe só o meu corpo, os corpos dos outros ou um corpo da cidade, estamos entrelaçados. Como em um tricô feito de lã, onde incontáveis fios que compõem o pêlo de um corpo, aglutinados e tensionadas pela roca formam um único fio, que através das mãos e agulhas de um outro corpo criam-se múltiplos nós para construir uma trama complexa.

Sou corpo ou sou do corpo? Pertencemos um ao outro. Ser corpo e dar corpo. Ser corpo individual, mas, ao mesmo tempo, dar corpo ao coletivo, ser multidão. Sem fronteiras e limites, apenas sentir e incorporar. Corpos no espaço, espaço nos corpos. Para além dos corpos e do espaço, sejamos *coposespaços* livres de qualquer separação.

Capítulo 4 – Entre o ir e o vir

A dobra das cidades são suas ruas, com suas retas e curvas que cruzam o espaço para ligar pontos a outros. Matematicamente, a distância entre dois pontos forma uma reta, que é constituída por infinitos pontos naquele espaço.

A palavra rua vem “do latim *ruga*, significando o sulco entre dois renques de casas ou muros em uma povoação qualquer” (VOGEL: SANTOS, 1981, p. 23). A dobra da nossa pele é a ruga, o sulco do tempo. A rua vai além do seu significado, ela não é apenas intervalo, trilha ou percurso. A rua é um universo repleto de *caminhos-constelações* possíveis.

João do Rio em a *Alma encantadora das ruas* mostra por meio de crônicas que a rua é um fator da vida das cidades, que a rua tem alma. O jornalista e escritor mostra todo seu encantamento pelas ruas do Rio de Janeiro em meio as mudanças que a cidade sofria em decorrência da reforma iniciada em 1903 pelo então prefeito Pereira Passos.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (João do Rio, *A alma encantadora das ruas*)

Ao andar pelas ruas podemos criar formas físicas e simbólicas de habitar o mundo. Podemos percorrer as ruas como um meio estético, e no percurso encontrar a arte ou fazer arte caminhando.

“Deste ponto de vista, depois de ter aproximado das formações linguísticas os processos caminhatórios, pode-se rebatê-los para o plano das figurações oníricas, ou ao menos descobrir nessa outra face aquilo que numa prática do espaço é indissociável do lugar sonhado. Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio” (CERTEAU, 1994, p. 187).

O entendimento do que é arte e o que ela abrange em seu contexto, desde as vanguardas modernas aos nossos dias, se direciona para um campo em constante expansão onde os limites são ampliados, atravessados ou mesmo ausentes. A arte através deste contexto ampliado atua como um campo em trânsito permanente com a vida cotidiana. Nas palavras de Cesar (2014) “o que a produção atual traz à tona, como um nervo tenso e extremamente sensível, é a grave crise do sentido do comum – na qual antigos modelos e dialéticas, como as oposições entre público e privado, perdem sentido e fronteiras evidentes e identificadoras” (p. 23).

A transversalidade da arte no contexto da minha pesquisa se dá nas relações de convívio geradas no cotidiano do Catumbi. Através dos modos de ser e estar no espaço, a arte aqui toma o caminho das interações no lugar de configurar-se como possibilidades e mediações, um caminho feito de entrecruzamentos e intersubjetividades. A arte é uma possibilidade que dá forma a esse caminho.

Estar entre, como as plantas que crescem no meio das pedras e nas fendas do asfalto. As ervas daninhas simbolizam a resistência, elas evoluem para nascer e se fixar em lugares onde elas teoricamente não poderiam estar. Elas têm a força de rachar asfaltos, quebrar o cimento e arrebeitar as pedras.

Devemos buscar inspiração na tenacidade das ervas daninhas como impulso de estar entre o ir e o vir do movimento da cidade. Estar em meio a todo o movimento, entre dois pontos, sejam eles próximos ou distantes. Estar no entre, em vez de ser uma linha que liga dois pontos, é ser dobra, ser elo. A dobra é curva, nela podemos observar e acrescentar matéria, fazendo dos seus intervalos lugares possíveis para um novo acontecimento, desdobramentos do caminho onde qualquer fronteira é transitória.

4.1- Portfólio – Ocupações Temporárias (2011-2015)

Ao ir de encontro à ordem imposta aos espaços, as *Ocupações Temporárias* engendram ações nas brechas, nos interstícios e desvios, a fim de contrariar a imagem padrão da cidade. Ao ocupar a rua com ações sensíveis, porém afirmadoras da importância da experiência na reconfiguração do *espaço não praticado*, agimos (eu e qualquer outro que venha praticá-las) contra o entendimento do espaço urbano como lugar puramente de trânsito e de circulação, sem identidade, que não guarda nenhum traço de afeto particular com o usuário e com a própria cidade.

A palavra ocupar possui muitos sentidos. Dependendo da forma como é empregada pode ser entendida como apoderar, construir possíveis modos de vida, habitar, afazer, entre outras. Ocupação é empregada aqui, na sua forma mais sutil, conquanto que esteja acompanhada da palavra temporária. Temporário, como indica o termo, é uma duração de tempo – um certo tempo não definitivo, provisório, transitório ou mesmo relativo.

Escolho o termo *Ocupações Temporárias* para dar nome às diferentes práticas que ocorrem espontaneamente pela cidade e também outras formas experimentais de estar no espaço urbano empreendidas. São práticas sensíveis à especificidade das condições contextuais do lugar onde ocorrem e que buscam, na prática direta do corpo, uma resignificação do espaço. São formas de acionar outras possibilidades/ sensibilidades para quem habita ou transita pelo espaço. As *Ocupações Temporárias* são aberturas para outros usos que ultrapassam qualquer sentido pré-definido do espaço.

Desta maneira, uma *Ocupação Temporária* ocupa sem necessariamente intervir. Ocupa como uma forma de compor com, formar algo com a variedade do que já existe no espaço. Ocupar sem premeditar cronologicamente o tempo das ocupações, deixando o tempo da rua se encarregar da sua existência, transformação ou seu fim. Sem a pretensão de inscrever-se definitivamente ou criar profundas fissuras ou cisões no espaço. Elas existem para propor e compor diferentes diálogos e aberturas fugazes. Em meio a ruídos, são pequenos sussurros para os ouvidos atentos.

Em meus apontamentos pessoais, considero três tipos de *Ocupações Temporárias*: a espontânea, a produzida, e a híbrida. Na *Ocupação Espontânea* a ação é realizada cotidianamente por usuários sem que suas conseqüências sejam, de fato, percebidas justamente pela proximidade da ação ao cotidiano. Na *Produzida*, a ação é planejada e executada por mim ou por outro grupo acionista qualquer, tendo certamente uma natureza processual e um horizonte de intencionalidades implicados. Já na *Ocupação Híbrida*, a ação pode ter seu início de forma espontânea ou provocada. Mas, ao produzir inicialmente no espaço, este pode vir a ser retrabalhado mais adiante por outrem. Desta forma, nunca saberemos se elas são de fato ações espontâneas ou se são consequentes de uma *Ocupação temporária produzida*. Nos três casos apresentados temos um denominador comum: as *Ocupações Temporárias* são construções efêmeras em que a experiência que promovem se sobrepõe a qualquer objeto que as traduzam.

As *Ocupações Temporárias* são, portanto, encontros fortuitos, em qualquer rua ou esquina onde se encontram. Elas não podem ser vistas na velocidade ou na distância, elas exigem um olhar atento. São micro como pixels em meio à uma grande imagem da cidade.

Para que uma *Ocupação Temporária* ocorra não é necessário que o espaço seja um lugar desocupado ou sem vida. Elas se comportam como formas vivas entre tantas outras formas de vida coexistindo naquele mesmo espaço, no caso, o do Catumbi. Elas resistem entre o fluxo incessante das autopistas que o circunscrevem e limitam, nas pequenas (mal) calçadas destinadas aos que se deslocam a pé e nas arquiteturas resistentes e pouco florescentes.

Depois de ocupar temporariamente o lugar não existe um objeto final para ser levado, guardado ou exposto. O que (re)existe das ações são relatos, sejam eles narrados ou registrados em imagens. Nada assinado que possa atestar a autoria é relevante, tanto nas *Ocupações temporárias espontâneas* quanto nas *Ocupações temporárias produzidas* por mim, a autoria não é relevante. A importância está na ação vivida do corpo, seja esse corpo de quem for.

Apesar da impermanência das ações, ocupar temporariamente um lugar também pode ser uma possibilidade de ativar laços, entrelaçar. *Permitir-Ser*. Afetar e ser afetado não depende de tempo, criar relações com o outro para sair outro é um processo efetivo de permeabilidade, reinvenção e transformação. Não podemos medir o tempo necessário para estes processos, eles acontecem na variação dos intervalos.

Ocupação Temporária não é obra nem objeto. É ação e (re)ação. Ocupar temporariamente é diferente de intervir estrangeiramente, modificar um lugar espetacularmente. Pretende-se que, através do contato com as suas singularidades e formas de vida, outras formas imprevistas de afetos se relevem e propiciem a tecer junto com este lugar formas sensíveis que possibilitem compartilhar ideias, ações e outros afetos.

Por ser uma ação que aconteceu em um determinado tempo e espaço, é a fotografia que permite que a ocupação temporária seja prolongada para além do momento do seu acontecimento. A fotografia atua como um registro através do meu olhar, que invariavelmente ganha os contornos da minha experiência e ponto de vista diante das *Ocupações Temporárias*. Contudo, estas não são pensadas em função da fotografia. Elas acontecem independentemente dela, mas a fotografia neste caso, não acontece se não existe a *Ocupação*. Desta maneira, a fotografia é o registro que, paradoxalmente, se transforma em outro trabalho por conta da relação direta que o ato fotográfico mantém com a experiência e ponto de vista adotado, gerando uma outra percepção e, invariavelmente diferente apreensão da *Ocupação Temporária*.











4.1.1- Desmapas - (2011-2014)

Desmapas é uma série de pequenas intervenções gráficas na cidade com as quais busco uma forma de desconstrução dos caminhos pelo espaço pré-definido da região central do Rio de Janeiro. Caminhar pela região não é tarefa muito fácil já que o caminho é repleto de obras públicas e privadas, calçadas mal cuidadas (ou até mesmo a falta de calçadas), entulhos de todo tipo, entre outras barreiras que dificultam o corpo se relacionar com o espaço.

O que vemos pela região são muitos espaços em que o corpo não tem lugar. Nesse caso, temos apenas duas escolhas: ou nosso corpo se espreme entre grandes avenidas e as pequenas calçadas mal calçadas ou procuramos criar caminhos através de desvios e outras saídas.

Ao investir em caminhadas sem destino prévio, fixo nas paredes, postes e outras superfícies que encontro pelas ruas a figura serigráfica de um corpo feminino partido ao meio. Busco, com essa experiência, reinventar coordenadas para outros caminhos possíveis em meio aos fluxos. Assim, outras rotas são empreendidas por este corpo que experimenta enquanto caminha, sem medidas de tempo pré-determinadas.

A figura deste corpo feminino partido, mutilado, atravessado e fixado pela cidade pela técnica do lambe-lambe, funciona como uma coordenada, um marco de resistência do corpo no espaço. Um rastro de fragilidade e ao mesmo tempo de vitalidade desse corpo que caminha.

formam assim uma só entidade em constante reconfiguração. O corpo inscrito na cidade e cidade inscrita no corpo se modificam mutuamente. Este corpo figurado participa, por outro lado, de um corpo-coletivo, comunitário e conectivo que se relaciona com outros corpos que me (re)conectam com o meu corpo.

Essas figuras fragmentadas, fixadas nos caminhos, se insinuam em todos aqueles outros corpos partidos que passam por ali todos os dias despojados de seus invólucros individuais. “O indivíduo é o pior inimigo do cidadão [...], o cidadão é uma pessoa que

tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem estar da cidade” (TOCQUEVILLE apud. BAUMAN, 2001, p. 45).

Partindo destas ideias, minha ação se relaciona diretamente às caminhadas sem rumo que faço pelo bairro quando me perco e me encontro pelas ruas em busca de encontros fortuitos com a espessura da cidade. Busco com *Desmapas* sair da circunscrição oficial dos mapas urbanos, para experimentar outras cartografias cuja única intenção é deixar o corpo acontecer no lugar enquanto cria seu próprio espaço praticado, deixando ali seu rastro.

Esta ação pode ser relacionada à histórica psicogeografia situacionista com as quais buscavam uma forma de entender o meio urbano em função de sua influência direta na subjetividade dos indivíduos. Neste contexto, podemos aludir também ao que Hakim Bey chama de psicotopografia, uma “ciência” alternativa à pesquisa e criação de mapas de controle do Estado. Para Bey, apenas a psicotopografia é capaz de desenhar mapas em escala 1:1, porque “apenas a mente humana tem complexidade suficiente para sugerir o real” (BEY, 2010, p. 36).

Os corpos partidos de *Desmapas* ganham outro corpo de acordo com seu tempo de permanência na rua. Elas ocupam esse espaço transitório com a mesma fugacidade de tempo de um “passar” – *en passant*. Não é possível medir o quanto essas imagens permanecem no espaço justamente porque escapam a qualquer controle meu e de quem seja. Como pude observar algumas vezes, poucas horas depois de coladas, o processo de desaparecimento delas nas ruas se inicia.

Nessa superfície permeável que ocupam, as figuras dos corpos ora se fixam; ora se perdem no tempo anacrônico das ruas. Mas esses corpos figurados deixam sempre traços, ainda que tênues, nos corpos daqueles que passam. mesmo que, com o tempo, se apaguem, repetindo o ciclo natural da cidade viva.

Desmapear para resistir. O corpo que resiste na cidade, ocupa a cidade e compõe com a cidade outra cartografia nas relações possíveis que tece com outros corpos. Ao modelar seus caminhos, a ação do corpo na cidade pode ser vista como uma resistência do sensível.









4.1.2- Aqui (entre o ir e o vir) - (2012-2014)

Se aceitarmos que toda imagem é movimento e que se faz e desfaz em movimento⁷, em *Aqui, entre o ir e o vir (2012-2014)*, realizo um conjunto de ações de atravessamento físico e simbólico no bairro do Catumbi, buscando fisgar o transeunte/passante/expectador/praticante pela sutileza da minúcia. Utilizando-me da fotografia instantânea, capto um fragmento temporal qualquer, um instante em meio ao movimento da cidade. Em seguida, fixo essas imagens no espaço correlato onde foram capturadas. Empreendo assim um outro tipo micro de *Ocupações Temporárias*.

Historicamente, o advento da fotografia instantânea representou a possibilidade de romper com a pose para construir a linguagem do imediato. Este marco foi gerado através das películas mais sensíveis, com suas câmeras produzidas em massa, feitas em materiais mais leves, acessíveis, mais fáceis ao manuseio.

Com a fotografia instantânea, o momento captado é um tempo impensado e aleatório. Uma fração de segundo destituído de controle. Não obstante, o acaso atua como coautor, congelando o tempo através do obturador. Essas imagens são capazes de gerar outras imagens e outras ficções.

A partir desta possibilidade, o que são acionadas são questões relacionadas com uma "outra cidade" não percebida, escondida e ocultada, que emerge da cidade idealizada. Afinal, a "imagem não é horizonte. A imagem nos oferece algo próximo a lampejos (lucciole), o horizonte nos promete a grande e longínqua luz (luce)" (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 85).

As diversas cidades que emergem da cidade estão em contraponto à cidade homogênea e uniforme que as mídias vendem. Deslocada desta imagem ideal, esses lampejos de instantes retornam ao espaço urbano.

⁷ Anotações do Simpósio Internacional Imagens, Sintomas, Anacronismos – Museu de Arte do Rio – 29/05/2013.

Ocupando este espaço com a imagem fotográfica instantânea, aquele instante é inteirado novamente na cidade como uma ação efêmera no espaço. Tempo empilhado, instantes passados inseridos no presente, camadas de momentos: “[...] a dimensão metafórica da cidade nunca se esgota por sua conceituação, persistindo como a possibilidade de suas metamorfoses” (JEUDY, 2005, p. 94). Estes acúmulos de temporalidades são entrecruzamentos que compõem uma narrativa múltipla, formada do perto e do longe, pelo passado e pelo presente, do aqui e do lá, pelos fragmentos e trajetórias.

Com todo este processo, entendo minha ação em *Aqui (entre o ir e o vir)* como uma forma de *Ocupação Temporária*, atuando também como uma micro ação de resistência ao fluxo contínuo e a queda da vitalidade da cidade. Uma ação fomentadora de outra maneira de ver e experimentar o espaço. Uma forma de contrapoder, de potencializar questões do dia-a-dia, comuns ou complexas, que afloram nas ruas e que saltam aos olhos.

Neste caso, o modo de olhar a cidade é mediado diretamente pelo meu ponto de vista e pelo equipamento que utilizo, configurando uma única maneira de apreender um único instante dentre inúmeros outros que acontecem em um mesmo momento. O instantâneo é a síntese de todo um movimento, é uma renúncia ao todo que existe no espaço fotografado. Se o equipamento que utilizo é um dispositivo instantâneo, totalmente automático, sem possibilidade de controles – abertura do obturador, tempo, temperatura de cor, foco e ISO e erros de paralaxe –, ainda assim reflete uma intenção. Graças a arbitrariedade dos pontos de vistas das imagens, reconheço no procedimento uma certa cegueira, já que “adotar qualquer ponto de vista é uma maneira de construir um ponto cego da percepção” (JEUDY, 2005, p. 86-87).



Processo da fotografia instantânea utilizada em Aqui (entre o ir e o vir) – 2013

A ação fica na tensão entre o meu olhar, o recorte deste fragmento temporal, o que realmente é revelado na fotografia instantânea de pequena escala (medindo apenas 5,4 cm x 8,6 cm) e o espaço onde ela ocupa temporariamente. A ação é no “entre”, nos intervalos onde surgem os desdobramentos. Com os instantâneos acrescento matéria ao lugar, mais camadas, proponho um jogo entre proximidade e distância na relação que vai do olhar a imagem, entre o que retiro e o que recoloco no espaço.

O valor da experiência caiu de cotação, mas cabe somente a nós, em cada situação particular, erguer essa queda à dignidade, à “nova beleza” de uma coreografia, de uma invenção de formas. Não assume a imagem, em sua própria fragilidade, em sua intermitência de vaga-lume, a mesma potência, cada vez que ela nos mostra sua capacidade de reaparecer, de sobreviver? (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 127)

Assim, acredito que a experiência de *Aqui (entre o ir e o vir)* não seja somente ações realizadas com imagens fotográficas e a reinserção delas no espaço da cidade. Considero-as antes como um recurso que potencializa e aciona outras formas de praticar e olhar o espaço. Afinal, dar “exclusiva atenção ao horizonte é tornar-se incapaz de olhar a menor imagem” (HUBERMAN, 2011, p. 115).

As microintervensões no cotidiano da cidade são possibilidades questionadoras dos “consensos estabelecidos”, fomentando “outras formas de dissenso”, assim como “uma forma de ação dissensual que possibilitaria a explicitação dos conflitos escondidos, do campo de forças. que está por trás da cidade” (JACQUES: BRITTO, 2010, p. 116). Um tipo de experiência que não procura se impor de forma autoritária na paisagem, mas sustentar no espaço público uma tensão delicada.

Devemos, portanto [...] nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, formar novamente a comunidade do desejo, a comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos à transmitir. Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em dizer o não da luz que nos ofusca. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 154-155).









4.1.3 – Coletas – (2014-2015)

A rua é um ateliê aberto e o caminhar, o processo direto de trabalho. Ao mover-me pelas ruas sinto que saio de mim para ser com o espaço. Ao andar pelo Catumbi me sinto uma observadora ambulante coletando múltiplas imagens através do deslocamento.

Pelos caminhos muitas vezes tomo a perspectiva do chão, e não a do horizonte. Tenho uma pluralidade de pontos de vista não usuais, tempo que se empilha, fragmentos de instantes passados inseridos no presente, camadas de momentos e memórias deixadas nas calçadas, canteiros e asfalto do bairro.

Coletas é uma série fotográfica aberta, construída a cada dia ao garimpar na superfície. Sigo meu caminho sem rumo tendo como metodologia o tropeço. Tropeçar é topar com o inesperado. Aquilo que se tropeça, que faz perder o equilíbrio, que embaraça. Caminho com meus pés e meus olhos. Entre ruas, calçadas, muros e fluxos vejo o bairro pelo chão, ando e coeto o efêmero. Busco rastros, partes de momentos aleatórios acontecidos naquele espaço, deixados pelo chão ao longo do caminho.

Andar sem olhar para o horizonte, subvertendo a convenção do bípede, que ao andar olha sempre para a frente, não sigo uma linha ou um ponto de direção. Desta forma, o chão se transforma em paisagem. Uma paisagem sem perspectiva e profundidade, feita de fragmentos, recortes do caminhar, dos relevos do chão. Ao andar sem linearidade seguindo em passos lentos me dou tempo. Dessa forma, me propicio uma imersão nas ruas e observo calmamente o que cruzo e o que me cruza.

Através da fotografia garimpo os *objetos-vestígios*. Quando os encontro pelo caminho, percebo que são estancamentos dos fluxos feitos pelos corpos que ali circularam. Essas inscrições fortuitas são para mim marcas efêmeras no espaço, mas tangíveis. Escolho coletá-las somente através da minha retina e com o obturador da câmera fotográfica. Com a fotografia refaço/revejo/revivo/reviro o espaço como possibilidade de criar significados a partir de detalhes. A opção pelo registro fotográfico é no fundo um respeito a ações alheias, de modo a não violá-las. Com efeito, nada é manuseado ou retirado por mim do lugar. Coeto apenas a imagem sem interferências. A visão,

segundo Merleau-Ponty, é a apalpação pelo olhar (MERLEAU-PONTY apud PEIXOTO, p. 188). Travo aqui um paradoxo onde a imagem na sua natureza espectral se funde com a materialidade palpável dos *objetos-vestígios* encontrados pelo espaço.

Assim, a fotografia não é uma ferramenta para apreender os *objetos-vestígios* a partir de uma distância segura, mas sim uma forma de aproximação. O olhar fotográfico é, no caso, uma mão que manuseia, apalpa, tateia e investiga. No entanto, nenhum *objeto-vestígio* coletado é igual ao outro.

A fotografia como um outro espaço e tempo, uma superfície que oferece a representação de um espaço vivenciado. Comumente o lugar do referente fotográfico é o passado, sendo o tempo da fotografia o pretérito, porque é nessa direção que o olhar buscaria (re)encontrar o *objeto-vestígio* fotografado. Mas, enquanto imagem, ela é capaz de transcender.

Estes *objetos-vestígios* são levados para outros lugares somente pelo vento, empilhados com o tempo nos canteiros e buracos das ruas ou por alguma outra pessoa que por ele passou. O que é deixado pelo espaço deixa de ser um algo deixado por alguém que passou por ali para ser parte do espaço. Este processo me remete ao da arqueologia em suas buscas por culturas e pelos modos de vida que já existiram no passado a partir da análise de vestígios materiais em um dado espaço. Mas, diferente da arqueologia, cuja investigação é realizada a partir dos vestígios do que já não existe, em minhas coletas busco investigar o espaço a partir do que foi deixado para trás em um passado pouco distante. O rastro fresco de pegadas na terra úmida.

Merleau-Ponty afirma que o espírito do mundo somos nós, a partir do momento em que sabemos mover-nos, a partir do momento que sabemos olhar. “São nossos próprios olhares, sua sinergia, sua exploração, sua prospecção que focalizam o objeto iminente”, desta maneira, reconhecemos “sob o nome de olhar, de mão e de corpo em geral um sistema de sistemas votado à inspeção de um mundo, capaz de transpor distâncias, de desvendar o futuro perspectivo, de desenhar na uniformidade inconcebível do ser cavidades e relevos, distâncias e afastamentos, um sentido...” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 97-98).

Objetos-vestígios são compostos para além do que é visível. O olhar não é restrito apenas à visão, mas engloba todos os outros sentidos. Podemos compreender desta maneira o olhar, como uma ponte que liga um corpo e o mundo, é capaz de integrar em si atmosferas. O filósofo José Gil entende a atmosfera como um conjunto de forças:

Se entro na paisagem quando a olho, é porque alguma coisa do meu olhar envolve os objetos numa atmosfera que, por um certo efeito de contrapartida, acabam também por me englobar. Este alguma coisa é vazio animado que vem do sem fundo do meu olhar e que eu transmito às coisas que vejo; é um espaço vazio onde me venho colocar e que me é oferecido pelo conjunto da paisagem. Reenvia-me o espaço da atitude do meu olhar: como uma topologia do espírito, uma paisagem exterior de um interior. (GIL, 2005, p. 4)

Como o olhar não fica restrito somente à visão, acredito que, ao depararmos com estes *objetos-vestígios* e registrá-los, suas imagens expandem nossa experiência para além da visão. Mas para quem não os capta, eles são simplesmente um descarte qualquer. Afinal, se estão nas calçadas, ruas e canteiros, rasgados, quebrados, sujos, entulhados, para muitos o que existe ali é apenas um descarte, lixo.

Os *objetos-vestígios* estão na eminência de se desfazer, desaparecer. Eles podem ser retirados rapidamente das ruas ou ficar no mesmo lugar por vários dias. Desta maneira a fotografia dá aos *objetos-vestígios* lastro, formando assim uma paradoxal permanência.

As fotografias coletadas se transformam em exsicatas fotográficas. A exsicata é uma técnica utilizada para armazenar as coletas botânicas preservando a estrutura das plantas, que depois prensadas e secas são fixadas em um papel de gramatura alta intercalado com outro de gramatura menor, com os dados referentes a elas etiquetados e lá permanecem por anos. Já na exsicata fotográfica de *Coletas*, os *objetos-vestígios* que coletados pelo olhar através da câmera pelas ruas, ficam prensados e fixados na fotografia. Seus dados como dia, hora e local de coleta são extintos, já que tais dados são diminutos frente às inúmeras possibilidades de fabulação ao observar as coletas dos diferentes *objetos-vestígios*.





















4.1.4- Cartografia do Tempo (2014-2015)





A cartografia produz, analisa e interpreta as diversas formas de se representar a superfície, abrangendo assim os mapas, as plantas, os croquis e outras composições. Cartografia também pode ser entendida como um conjunto de técnicas através da observação direta ou indireta (através do uso de imagens ou aparelhos) para documentar, retratar e representar os espaços. Será que além destas definições, também existe uma cartografia do tempo? Uma cartografia que poderia ser pensada a partir da ação do tempo em um determinado espaço? Ou então uma cartografia do próprio tempo passado emergindo na superfície do presente?

A física nos mostra que o tempo não volta, mas nos muros e paredes do Catumbi as diferentes camadas de tempo são visíveis nas fachadas de suas casas antigas. Paredes em pequenas ruínas, descamando-se. Vemos nelas se desenhar delicados mapas, uma cartografia frágil, nada perene. Suas linhas quebradiças estão em constante mudança, com suas demarcações ora expandindo ora esfarelado, em eminente desaparecimento. Cartografias do tempo, mapas de memórias. A memória é feita de acúmulos, uma parede espessa, cheia de camadas de tinta e reboco de diferentes épocas, cores e texturas.

Camadas de passado que emergem no descascar proveniente da corrosão própria da ação do tempo. Camadas sobrepostas de cores e texturas que juntas formam silhuetas de terras e mares outros. Fixam-se nas paredes assim como uma cicatriz fica na pele do espaço. Feridas abertas na parede e nas tramas da imaginação. Linhas fissuradas e profundas, aberturas que mostram não apenas o que está dentro, por baixo das diversas camadas, mas também criam pontes entre o lado de fora e o lado de dentro.

Cicatrizes são marcas deixadas pela experiência, é memória, escrita, rastro. As cicatrizes de hoje são as feridas abertas de ontem. A cicatriz tem um ponto inicial, que é o momento da fratura, mas a partir daí seguem seu curso sem fim. Sulcadas no tempo e com o tempo, se transformam com ele: se agigantam, se retraem, clareiam, assentam, mas estão sempre ali como marca de uma fratura passado-presente. Sentir sua textura, ler sua escrita, buscar a sua história ou até mesmo criar outras é minha busca em *Cartografia do tempo*.

Nas palmas das mãos vejo linhas de diferentes tamanhos e cursos. Vejo uma malha, uma rede, um rizoma. Um emaranhado de percursos diferentes em suas próprias ruas, rios e desvios.

As linhas das nossas mãos foram formadas durante o nosso desenvolvimento embrionário. O padrão de linhas é formado apenas uma vez na pele e é mantido por toda nossa vida, mas a ação do tempo faz com que diferenças de acentuação ou diminuição dos sulcos aconteçam com o passar dos anos. Desta maneira o padrão das linhas das mãos é a nossa primeira cicatriz na pele, tanto que se observarmos podemos ver que os bebês já nascem com essas marcas. Para a quirologia⁸ elas formam uma linguagem que pode ser estudada.

Diferente da quirologia, a quiromancia⁹ consiste na adivinhação através da leitura das mãos. A prática da quiromancia é passada de mãe para filha nas comunidades ciganas. O Catumbi foi a partir do século XIX um reduto cigano. Eles ocupavam a maior parte das casas e sobrados da Rua Emília Guimarães que é até os dias atuais lembrada como “a rua dos ciganos”. Desta forma, a quiromancia também é parte da cultura do bairro, apesar de ser uma sabedoria marginalizada em nossa sociedade.

Vejo mapas pelas paredes, vejo mapas nas minhas mãos. Fotografo os mapas que vejo pelas paredes através da máquina que tenho em minhas mãos. A cicatriz do tempo na parede é a mesma cicatriz que o tempo faz na mão, é a mesma cicatriz que a fotografia faz e traz do tempo, da mesma maneira que o tempo segue atravessando e penetrando o corpo. Fundir tinta, pele, reboco e olhar. Seja na pele, na parede ou na fotografia, essas cartografias do tempo tem suas marcas, fendas, rachaduras e camadas infindáveis.

⁸ Em grego *quiro* significa mão e *logia* significa estudo, sendo assim quirologia é o estudo ou conhecimento adquirido através das mãos.

⁹ Nas palavras do dicionário Houaiss é a suposta arte divinatória de predizer o futuro segundo as linhas e os sinais da mão.











CONCLUSÃO

Ao decorrer dos quatro capítulos aqui apresentados busquei mostrar meu caminho imersivo, a história e a resistência do bairro do Catumbi que me acolheu nestes últimos anos da mesma forma como eu aprendi a acolhê-lo. Ao abordar uma realidade social tão complexa quanto a do bairro é impossível revelar todas as suas nuances. Apesar do procedimento flertar com o viés antropológico, busquei apenas me aproximar afetivamente do bairro através de minhas vivências, resgatando e recriando sentidos para o estar.

No capítulo final da caminhada/percurso/dissertação *Entre o ir e o vir* chegamos no que defino como *Ocupações Temporárias*. Busquei neste capítulo mostrar as ocupações temporárias espontâneas e em quatro subcapítulos *ocupações temporárias* planejadas por mim e *Ocupações temporárias* híbridas. Seguindo um caminho que se inicia no que eu acrescento no espaço, com as pernas serigráficas pelas ruas em *Desmapas*. Este caminho segue no que eu retiro e recoloco no espaço em *Aqui*, com os instantâneos com seus instantes reinseridos no bairro. Já em *Coletas*, retiro os *objetos-vestígios* do espaço não sem necessariamente retirá-los, os coletei somente com o meu olhar através da fotografia. Aqui já começo o movimento de incorporar, finalizando-o em *Cartografias do Tempo* onde o meu corpo e o espaço se fundem por completo.

Sem buscar categorias ou conclusões finais, este trabalho foi feito a partir deste lugar vivencial e seguirá acontecendo, apesar deste parágrafo teoricamente marcar o encerramento desta dissertação. Buscando ser um meio e não um fim, as *Ocupações Temporárias* são infinitas em suas possibilidades, seguirei o caminho aqui *entre o ir e o vir*.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2004.

_____. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: EDUFAL:UNESP, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEY, Hakim. Zonas Autônomas / Hakim Bey; Organização Coletivo Protopia – Porto Alegre: Deriva, 2010.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2.ed. 1999.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1 – artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CESAR, Marisa Flórido. Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

DEBORD, Guy. A Sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2011.

GIL, José. A imagem nua e as pequenas percepções: Estética e Metafenomenologia. Lisboa: Relógio d'água Editores, 2005

GUATTARI, Félix. Micropolítica: cartografias do desejo/ Félix Guattari, Suely Rolnik. – 12ª. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUATTARI, Félix. A transversalidade (1964). In: Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional. Aparecida /S.P: Idéias & Letras, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JACQUES, Paola Berenstein e BRITTO, Fabiana Dultra (Org.). Corpocidade : debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

JEUDY, Henri-Pierre. Espelho das Cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

_____. e JACQUES, Paola Berenstein (Org.). Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA /FAUFBA, 2006.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MATOS, Mauro. Catumbi, um bairro do tempo do império. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Turismo, 2005.

NEGRI, Antônio. Para uma definição ontológica da multidão in: Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia nº 19-20, janeiro de 2004 – junho de 2004.

PARENTE, André. Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

RIO, João do. A Alma encantadora das ruas. Domínio Público http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2051. Acessado em 03/02/2015

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, M. A natureza do espaço: espaço e tempo; razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 2008

SANTOS, Nelson Pereira e VOGEL, Arno. Quando a Rua Vira Casa. Rio de Janeiro: Convênio IBAM/FINEP, 1981.

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VINHOSA, Luciano. Território: um evento que dá lugar à experiência estética. Arte & Ensaio n.16. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes, UFRJ, julho de 2008.

_____. Experiência estética como método de pensar o mundo. In: Interloquções: estética, produto e crítica de arte / Luciano Vinhosa e Martha D'angelo (orgs.). Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.